



PPGD
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DIREITO • UNESC



fapesc
Fundação de Amparo à
Pesquisa e Inovação do
Estado de Santa Catarina

O CORPO NEGRO COMO SIGNO DO NÃO-SER: UMA LEITURA DO DISPOSITIVO DE RACIALIDADE EM SUELI CARNEIRO

The Black Body as a Sign of Non-Being: A Reading of Sueli Carneiro's Device of Raciality

Murilo Trindade e Silva¹
Calíope Bandeira da Silva²

Palavras-chave: Biopolítica; Corpo; Dispositivo de Racialidade; Direitos Humanos; Ontologia.

Keywords: Biopolitics; Body; Device of Raciality; Human Rights; Ontology.

Este resumo expandido analisa o conceito de corpo na obra Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser (CARNEIRO, 2023), com o problema de pesquisa: como o corpo negro é produzido como signo do não-ser pelo dispositivo de racialidade na modernidade ocidental? O objetivo geral é compreender a centralidade do corpo na arquitetura conceitual de Carneiro, ao passo que os objetivos específicos consistem em: examinar a historicidade do corpo negro como memória da escravidão e alvo da pedagogia racial; explorar as articulações entre dispositivo de racialidade, biopoder, necropolítica e epistemicídio; avaliar as consequências ontológicas da redução do corpo negro ao signo do não-ser.

A metodologia é de natureza bibliográfica e crítica, articulando a obra de Carneiro a referenciais teóricos como Foucault (dispositivo, biopolítica), Fanon (zona do não-ser), Mbembe (necropolítica) e Mills (contrato racial), em diálogo interdisciplinar entre filosofia, direito e estudos decoloniais.

¹Mestrando em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Advogado. E-mail: muri.lo@hotmail.com.

²Mestranda em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Advogada. E-mail: bandeira.caliope@gmail.com.



Os resultados indicam que o corpo negro é, em Carneiro, suporte de uma memória histórica transgeracional, pois carrega a “memória d’alma da escravidão herdada de minha ancestralidade e, antes dela, das representações negativas [...] associadas ao meu corpo negro” (CARNEIRO, 2023, p. 8). Simultaneamente, o corpo é pedagógico: “as representações associadas ao meu corpo têm sido reiteradas pelos séculos por meio dos aparelhos escolares” (CARNEIRO, 2023, p. 9), o que desloca o debate do preconceito individual para a engenharia social.

No plano genealógico, Carneiro mostra como o dispositivo de racialidade opera em continuidade com o de sexualidade, mas ampliando sua lógica: “o corpo funciona como marca dos valores sociais, nele a sociedade fixa seus sentidos e valores. Socialmente, o corpo é um signo” (CARNEIRO, 2023, p. 28). O corpo branco burguês é instaurado como padrão ontológico, e o corpo negro, como exterioridade inferiorizada.

Ao analisar o biopoder, Carneiro evidencia que o racismo é condição de possibilidade para o governo diferencial da vida e da morte: “agora é possível saber que a morte tem cor” (CARNEIRO, 2023, p. 77). A seletividade racial se exprime tanto no abandono (mulheres negras submetidas à mortalidade materna e ao controle reprodutivo) quanto na eliminação direta (homens negros vítimas da letalidade policial e do encarceramento). Dialogando com Mbembe (2018), a autora demonstra que a biopolítica desliza para a necropolítica quando o corpo negro é administrado como inimigo interno.

Após a abolição, o dispositivo garantiu a docilização do corpo branco para o trabalho livre, enquanto corpos negros foram relegados ao desemprego, à marginalidade e à morte lenta (CARNEIRO, 2023, p. 76–80). A consequência mais profunda, entretanto, é ontológica: “o negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do profissional, o negro chega antes do gênero, o negro chega antes do título universitário” (CARNEIRO, 2023, p. 125–126). O corpo negro, nesse sentido, não é apenas biológico, mas signo do não-ser, interdito como sujeito pleno.

Conclui-se que Carneiro formula uma teoria radical do corpo como campo de inscrição da racialidade. O corpo negro é o alvo primário do dispositivo de racialidade e, ao mesmo tempo, o signo social que estabiliza a divisão ontológica entre



PPGD
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DIREITO • UNESC



fapesc
Fundação de Amparo à
Pesquisa e Inovação do
Estado de Santa Catarina

ser e não-ser. O desafio ético-político contemporâneo consiste em desarmar esse dispositivo e reinscrever o corpo negro como sujeito integral de direitos, saberes e criação.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2022.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 15. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2023.

MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MILLS, Charles W. O contrato racial. 1. ed. Trad. Teófilo Reis, Breno Santos. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significados do corpo negro: um estudo de psicologia social. São Paulo: Edusp, 1998.